Lei 6781 de 12-12-90
D.O.M. 9522 de 21-12-90

CÂMARA MUNICIPAL
DE FORTALEZA

Lei: 067811990
Projeto: 02451990
Autor: HEITOR FERRER
Assunto: R EGIDIO DE OLIVEIRA

Projeto de Lei Nº 245/90 13 11 90

VEREADOR HEITOR FÉRRER

INTERESSADO

DENOMINA DE EGÍDIO DE OLIVEIRA, UMA ARTÉRIA DE FORTALEZA.
ASSUNTO

Lei nº 6.781 de 12 de dezembro de 1990
Sancionada
D.O.M. nº 09.522 de 21 de dezembro de 1990
Arquivo:- 10.04.91

DIGITALIZADO
EM: 27/11/00
FUNCIONÁRIO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 6781 DE 12 DE dezembro DE 1990.

Denomina de Egídio de Oliveira uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica denominada de Egídio de Oliveira, uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 12 DE dezembro DE 1990.

JURACI VIEIRA DE MAGALHÃES
PREFEITO MUNICIPAL

COMISSÃO DE URBANISMO
DESIGNO O VEREADOR SÉRGIO NOVAIS COMO RELATOR
Em 19 / 11 / 90
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

À COMISSÃO DE URBANISMO
Em 14/11/1990
Presidente

Aprovado em 1a. Discusão
Em 20/11/1990
Presidente

PROJETO DE LEI Nº 245 /90

Denomina de Egídio de Oliveira uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de Egídio de Oliveira, uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, em 13 de novembro de 1990.

Vereadores - Heitor Ferrer - PTD
Francisco Martins - PTD

Aprovado em 2a. Discusão
Em 27/11/1990
Presidente

* Biografia Anexa*

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL
Em 29/11/1990
Presidente

HOMENAGEM PÓSTUMA

EGÍDIO DE OLIVEIRA

PROJETO: Nome de rua de Fortaleza

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

SECRETARIA DE POLÍCIA E SEGURANÇA PÚBLICA
INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ

REGISTRO GERAL 54.988

NOME EGIDIO DE OLIVEIRA

Amaro Antonio de Oliveira

FILIAÇÃO Francisca Queiroz Nobre

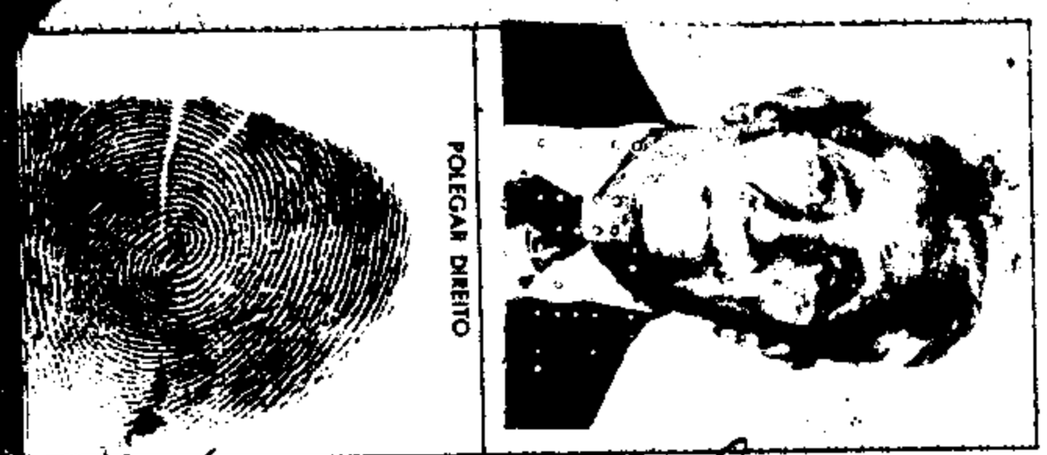
Quixadá-Ce 1/9/03

NATURALIDADE DATA DO NASCIMENTO 19/2/76

DIRETOR DO INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO

VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

CÉDULA DE IDENTIDADE



POLEGAR DIREITO

ASSINATURA DO PORTADOR

VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

ração fica por conta do filé à par-
megiana, um trivial da cozinha ita-
liana tão bem aceito entre nós.

de Iracema é sagrado. É fácil com-
provar.



Medalha Póstuma para Oliveira

Em qualquer debate ou discussão acadêmica costuma-se dizer que o ensino no Brasil está falido. Tratando-se do ensino oficial, eu até concordo. A proliferação de cursinhos — verdadeiros balcões de ensino — é fruto, amadurecido e carboreto — dessa falência do ensino oficial dos 1º e 2º Graus. Se a grande maioria da população não pode pagar os resgates dos colégios oficiais é mais do que evidente que o ensino público que deveria atender, gratuitamente, a essa maioria foi para o beleléu. No entanto, toda vez que o poder político partidário dominante fracassa — o que quase sempre acontece — na tentativa de responder competentemente às reivindicações justas da nação, a sociedade se organiza — ainda que a toque de caixa e improvisadamente — e busca a saída para suas dificuldades. Assim acontece com o desemprego, quando ela sobrevive de biscates, nome popular que a sofisticação falso-moralista de terminologia jornalística chama de freelancer. O mesmo ocorre com a medicina caseira que, na maioria das vezes, funciona com mais eficiência do que a medicina industrializada. Com a prática de esportes populares, destacadamente as já famosas peladas nos subúrbios ou do futebol de praia, cujos resultados físicos são saudáveis, exercem de maneira positiva um papel minimizador de tensões e angústias com mais rapidez do que o deitar num divã de certos psiquiatras. O próprio jogo do bicho — que o cidadão faz a fezinha e se manda à luta — quando não rende alguns trocados, funciona de maneira positiva como um bálsamo psicológico no jogador durante todo aquele tempo esperado até o resultado.

Mas, — tem sempre um mas, como diz o teatrólogo Plínio Marcos — mas, o que desejo falar aqui, depois desse lero-lero todo, é dos ensinamentos da vida. Das universidades do povo, dos bares da cidade, através dos quais a sociedade, na sua essência tão viva quanto alho e produtiva — lutando para sobreviver — passa e repassa as suas experiências aos seus semelhantes sem exigir cartão de crédito e sem cobrar juros elevados. Fortaleza — apesar de ser a cidade mais classe média do mundo — também teve seus bares populares. Não me refiro aos sofisticados pontos de revenda de bebidas com garrafas de isopor ou com toalhas esterilizadas sobre as mesas. Falo do pé de balcão onde você toma uma cana e tem direito à variadas qualidades de frutas para tira-gosto, desde a carambola, sirigüela, limão, tamarindo, abacaxi, até chegar ao refresco de maracujá. Poucos destes bares sobreviveram no centro da cidade à civilização (?) destruidora da especulação imobiliária. Quem, por exemplo, esquece o Café América, na esquina do falecido Bank of London? E o bar "O Braga", na General Bizerril, quase esquina da Pedro Borges? O Café da Imprensa que não tinha porta, o que dificultou o trabalho da Polícia quando uma noite tentou fechá-lo e não conseguiu, porque exatamente não tinha porta. E o Cinelândia — na esquina do Forró do Sargento — Senador Pompeu com São Paulo. Depois ele passou a chamar-se Gaúcho. E o Expresso de Luxo onde se reuniam as **meninas** das noites mal dormidas? Este ficava olhando para a Imprensa Oficial, na Senador Pompeu. E o Bar Peixe Frito — inspirador de um belo livro de contos do Audífax Rios — na Praça do Ferreira?

Hoje — de tão remota época — o leitor encontra alguns, na Praça da Polícia, o Pirajá, Rua Guilherme Rocha, quase esquina da Praça José de Alencar. Nesta praça existiu o Evany, na General Sampaio, também quase esquina da Guilherme Rocha. Vizinho onde foi o Bar Americano da famosa vitrola. Lá recebi muitas aulas de jornalismo do saudoso Odalves Lima, profissional da imprensa cearense que — não encontrando adversário à altura de sua competência — abria polêmica como ele mesmo escrevendo dois editoriais por dia um contra o outro a favor — nos jornais "O Povo" e no "O Estado".

No entanto, existiu um boteco à Rua Guilherme Rocha, vizinho a antiga Ritz — que, às vezes, servia de mictório aos fregueses desse boteco — que foi uma das mais vivas universidades da vida nas décadas de 50 e de 60. Era o boteco do Oliveira, o da meladinha. Ali, misturava-se tudo, desde as mais variadas qualidades de cachaça, com mel de abelha, até a política, futebol e religião. Quando o freguês subia o batente para nele entrar dava de cara com um aviso impresso em cartolina: "É proibido discutir política, futebol ou religião". Aí pronto. O bebedor podia ficar tranqüilo porque só se discutia política, futebol e religião. Oliveira era uma figura humana — não é por ter morrido — extraordinária. Levou a vida trabalhando com dificuldades e prestando os seus serviços humanitários — na dura clandestinidade do PCB — à sociedade cearense como comunista que era. Tanto educou os filhos na escola pública da época, quanto na escola da vida, sem esquecer de ajudar a educar outras crianças mais necessitadas do que ele. Na quinta-feira última — dia quatro agora — fez 10 anos que Oliveira morreu e com ele foi-se uma biblioteca riquíssima que ninguém mais recupera. A biblioteca dos ensinamentos da vida. Para salvar a honraria eu sugiro às autoridades de minha terra uma homenagem póstuma ao Oliveira, da meladinha. Por que não a Medalha da Abolição? Aliás, não sei nem se ele aceitaria. Talvez aceitasse. Nos últimos 10 dias, como se adivinhasse a chegada da morte, andava muito resignado.

Nova mulher

NO BAR DO OLIVEIRA:

Lugar de mulher era na cozinha

Os jovens nunca ouviram falar, mas os de meia-idade que viveram no tempo da vaca gorda, com leite e cerveja [illegible] gênero [illegible] e os de cabelos brancos, sentem saudade ainda hoje do tempo da "meladinha" servida no Bar do Oliveira, um dos redutos boêmios da cidade, que teve que fechar as portas em 1976 para dar lugar a uma [illegible]. E para reviver os cinquenta anos de [illegible] de dona de bar é que entrevistamos dona Eulália Ferreira.

"Eu me casei com Oliveira em 1937 em Quixadá", diz Eulália, "e ele já tinha um bar em Fortaleza. Nesta época [illegible] eu ainda aparecia sequer no balcão. [illegible] era forte, [illegible] mas [illegible] acompanhar grande parte da movimentação de clientes famosos que sempre apareciam para saborear a meladinha".

A CLIENTELA FAMOSA

Mas dona Eulália, o que era mesmo a "meladinha"?

"Era uma mistura de mel de jandaíra com cachaça e que meu marido fazia como especialidade rara. Era a bebida preferida dos filhos do Governador Menezes Pimentel, de Quinlino Cunha, Leonardo Mota e Adolfo de Carvalho, pai do jornalista Jader de Carvalho".

Natural de Baturité, mãe de seis filhos, embora apenas um vivo e que é engenheiro no Rio de Janeiro, dona Eulália confessa que seu marido era tão benquisto pela comunidade boêmia da cidade, que nunca precisou aportar em seu bar a viatura da polícia. "Oliveira colocou até uma placa com os dizeres – "Aqui não se discute política e nem religião", afirma Eulália, "isto porque ele, macaco velho que era, já sabia que estes dois temas sempre terminariam em confusão, ainda mais na cabeça de alguém que estava bebendo "aguardente".



Como [illegible] bar, Eulália passou [illegible] chegar ao balcão

A QUE MATOU O QUINTINO

O Bar do Oliveira era conhecido até no exterior, isto porque em período de férias inúmeros turistas traziam no bolso o endereço para a compra da famosa bebida, numa indicação de amigos ou de parentes que deixaram Fortaleza. E quando se espalhou que em seu bar havia a "bebida que matou o Quintino Cunha", a fama foi além-fronteiras. É claro que tudo não passava de anedota.

O NIVELAMENTO DAS CLASSES

Localizado na Rua Guilherme Rocha, entre Barão do Rio Branco e Senador Pompeu, o Bar do Oliveira era um dos poucos redutos boêmios da cidade em que havia o nivelamento das classes. E seu proprietário costumava dizer: "A hipocrisia demora pouco aqui, porque quando o freguês começava reclamando dos copos, dos bancos e do tira-gosto e começava a beber, da terceira dose em diante se transformava e se revelava, chamando até os amigos que passava para provar daquela que era servida nos mesmos copos que ele queria reclamar de início".

O FECHAMENTO DO BAR

Depois de 62 anos de trabalho quase ininterrupto - fechou apenas [illegible] quinze dias para ir ao Rio de Janeiro e mais vinte para tratar de saúde, Oliveira resolveu fechar [illegible] aposentar-se.

"Meu marido [illegible] acompanhasse seu [illegible] "nosso filho" [illegible] engenheiro e morava no Rio de Janeiro, então tivemos [illegible] Oliveira [illegible]

O TEMPO DAS VACAS MAGRAS

O fechamento do bar era algo que estava sempre presente nas discussões dos frequentadores, a ponto de alguém ter dito que se chegasse a ocorrer, no último dia a meladinha seria gratuita. E o fim sobrevelo: hoje o bar existe apenas na saudade dos antigos clientes, porque até mesmo a acanhada e rústica placa com o nome de Oliveira não existe mais. Existe em seu lugar uma sapataria para calçar pés [illegible] mas se duvida muito que possa calçar as consciências e ser um ponto de formação de amizades como se podia reunir pessoas para discutir reservadamente [illegible] tempo das vacas magras com [illegible] e carne escassas e gêneros alimentícios a preços exorbitantes.

Oliveira faleceu [illegible] mês passado e com ele acabou-se uma fase em que se podia ser pobre sem passar fome e em que se enganava a barriga alegremente com uma simples "meladinha".

Remet. Hilton 7-9-12-81

GENTE & FATOS

Edmundo Vitoriano



Sra. Maria Rios Leite em foto de Mauri Melo para a coluna

Reveillon em Nova Iorque

Não foi para menos o espanto causado ao jornalista canadense, Eric Malling, hóspede do Rio Palace Hotel e assaltado em plena Avenida Atlântica por quatro mulheres. Um policial perguntou-lhe se no seu País assaltos são comuns. Ele, de bate-pronto, e meio perplexo, disse que sim. Estranhou, apenas, o método usado: as mulheres pedindo cigarros com ar de inocentes.

Experimento, órgão da Unesco, recebendo inscrições para os interessados em curso intensivo de inglês, durante quatro semanas, em Nova Iorque, com saída dia 28 e direito ao reveillon na maior cidade do mundo. O telefone para informações é o do Cláudio Pereira, 224.4157.

O saudoso Egídio Oliveira, durante 50 anos, dono de um boteco no centro da cidade, ponto de reunião de políticos, jornalistas, estudantes etc... vai ser nome de rua graças a um projeto do vereador Barros Pinho. Oliveira é figura histórica recente de nossa tão desmemoriada Fortaleza.

Rochelli Bonorandi recebe, dia 17, suas companheiras do Grupo Princesa do Norte, para confraternização natalina coordenada por Fernanda Aguiar.

A estrela global Regina Duarte é filha de pai cearense, Jesus Nunes Duarte, recentemente falecido num acidente de carro no Rio.

N
ninh
esqu
m u i
mes
hábit
ele n

D
civiliz
Mili
Uni
Paul
dei
CE

Diálogo de homens civilizados

TRIBUNA DO CEARÁ 21-01-74 Pág. 8

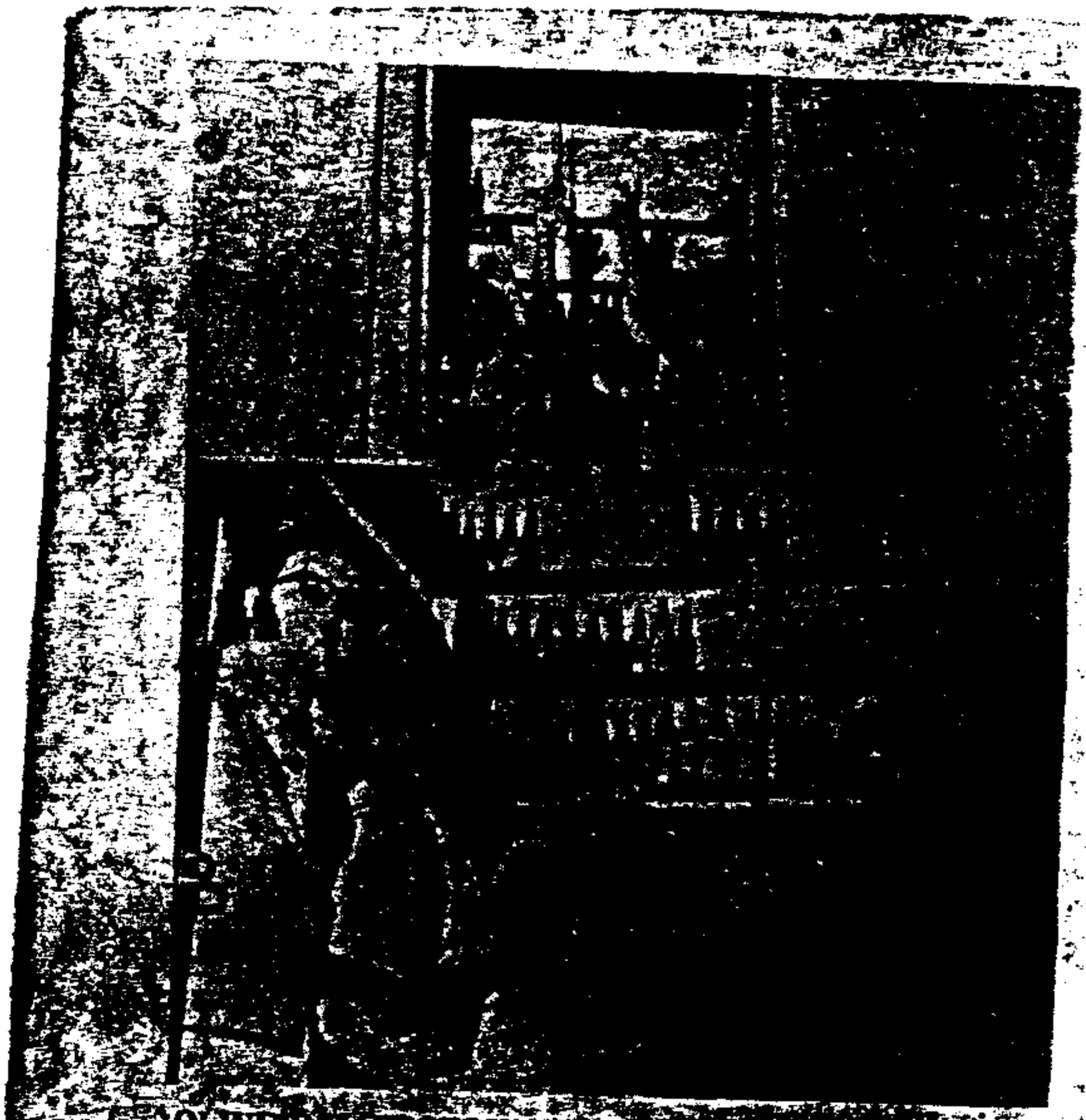
Oliveira: meio século de copo na mão

Texto: Gervásio de Paula

Manuel Lima

Época de vaca gorda. Leite em excesso. Carne a vontade. Gêneros de primeira necessidade baratos. Até que se podia [illegible] passar fome. Nessa época nasceu um homem predestinado a levar toda a sua existência [illegible] o próximo para sobreviver., quando [illegible] ele desejaria ser apenas um simples agricultor, se a adversidade do meio social lhe houvesse dado as condições mínimas para educar os filhos na [illegible] Esse homem, que fôra obrigado a fechar a sua bodeguinha em Quixadá, onde nascera em 1903, para sobreviver na capital vendendo [illegible] Liberato Barroso, onde funciona hoje a Cruz de Ouro — é o Oliveira que em agosto próximo estará completando 50 anos que vende aguardente. [illegible] Nao adianta dizer-se o seu nome completo, porquanto várias gerações só o conhecem por Oliveira — o da meladinha.

CORREIO DO CEARÁ – 31/01/76 -



OLIVEIRA FECHOU — Fecha suas portas mais um tradicional reduto dos "boêmios da cidade". O conhecido Bar do Oliveira, que há cinquenta anos se mantinha fiel aos freqüentadores na conhecida rua do Ouvidor, entre Barão do Rio Branco e Senador Pompeu, "baqueou" diante da esmagadora corrida imobiliária. Em breve será transformado em sapataria. O Bar do Oliveira (foto) é um dos últimos redutos freqüentados por aqueles que gostam de "matar o bicho" antes do almoço e "tomar umas e outras" no fim do expediente. Seus vizinhos já não existem. "Bar Rio", Café da Imprensa", "Café Globo" e outros. "Seu Oliveira" resistiu o quanto pôde. Sempre atencioso e amigo, não gostava de vender fiado. Porém, quando o freguês se tornava assíduo e "era gente boa", aqui e acolá "pindurava um vale" para pagamento no sábado. O Bar do Oliveira, como tantos outros que existiram no centro da cidade, dentro em pouco ficará apenas na lembrança daqueles "boêmios" que gostam de uma caninha.

JORNAL MEIO DIA

COLUNA QUASE TUDO

COLUNISTA CLA UDIO PEREIRA

DATA 25 / SETEMBRO / 81



O professor José Maria de Barros [illegible] um dos mais atuantes políticos oposicionistas. Dele o projeto de homenagem póstuma ao saudoso Egídio Oliveira, uma das figuras de história recente de nossa [illegible] desmemoriada Fortaleza, e que será nome de rua. (C.P.)

JORNAL MEIO DIA

COLUNA QUASE TUDO

COLUNISTA CLAUDIO PEREIRA

DATA 02 / OUTUBRO / 81

Neste domingo o primeiro aniversário de falecimento do saudoso Egídio Oliveira. (C.P.).

JORNAL O POVO

COLUNA GENTE & FATOS

COLUNISTA EDMUNDO VITORIANO

DATA 09 / DEZEMBRO / 81

O saudoso Egídio Oliveira, durante 50 anos, dono de um boteco no centro da cidade, ponto de reunião de políticos, jornalistas, estudantes etc... vai ser nome de rua graças a um projeto do vereador Barros Pinho. Oliveira é figura histórica recente de nossa tão desmemoriada Fortaleza.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE URBANISMO

Parecer nº 53 /90

Ao Projeto de Lei nº 245/90

Dispensado de Impressão e Interstício
Em 28 / 11 / 1990
Presidente

Os Vereadores Heitor Ferrer e Francisco Mesquita submeteram à consideração do Plenário o anexo projeto de Lei que "Denomina de Egídio de Oliveira, uma artéria de Fortaleza".

Nada encontrando que o impossibilite, somos favoráveis ao pleito em questão.

É o nosso Parecer.

Sala das Sessões das Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 26 de novembro de 1990.

RELATOR

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 245/90.

Denomina de Egídio de Oliveira uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

APROVADO
EM 4/12/90
Presidente

Art. 1º - Fica denominada de Egídio de Oliveira, uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Comissões Permanentes da Câmara Municipal de Fortaleza, em 30 de Novembro de 1990.

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA NC.

Ofício nº 1803 /90.

Fortaleza, 05 de dezembro de 1990.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 44 da Lei 5.930 de 13 de dezembro de 1984, tenho a satisfação de encaminhar a V. Exa., o presente autógrafo de Lei, aprovado por esta Câmara, que "DENOMINA DE EGÍDIO DE OLIVEIRA" uma artéria de Fortaleza.

Na oportunidade, apresento a V.Exa.,protestos de estima e elevada consideração.

Atenciosamente,

Vereador Narcílio Andrade
Presidente

Exmo. Sr.
DR JURACY MAGALHÃES
DD. Prefeito Municipal de Fortaleza
Rua São José, 01
Nesta.